

A existência do Basa está em risco?



Arnaldo Marques - Representante dos Empregados no CONSAD - 20/05/2026

Pode parecer improvável imaginar que uma instituição com mais de 80 anos esteja sob risco de desaparecer.

No entanto, é necessário reconhecer que o contexto que justificou sua criação — voltado ao desenvolvimento econômico e social da Amazônia, em um período marcado por políticas desenvolvimentistas — já não se sustenta da mesma forma hoje, ao menos sob uma ótica estritamente política.

As transformações recentes da economia global, especialmente com o avanço da financeirização, trouxeram novas exigências de eficiência e resultados. Isso não eliminou o papel político do desenvolvimento, mas certamente o reposicionou.

Nesse cenário, o Banco da Amazônia enfrenta um dilema recorrente: ao mesmo tempo em que atua como instrumento do Estado, precisa oferecer serviços que muitas vezes não seriam priorizados pelo setor privado, mantendo, porém, padrões adequados de governança e rentabilidade.

Além disso, o ambiente de crédito mudou significativamente. Diferente de duas décadas atrás, quando o FNO tinha papel central e o Banco operava com menor concorrência, hoje há uma ampliação expressiva de atores e alternativas no mercado.

Também é fato que o setor financeiro tem enfrentado desafios relevantes, incluindo episódios de fragilidade operacional e riscos associados à governança. Trata-se, portanto, de um ambiente mais complexo e exigente.

Erros, nesse contexto, tendem a ter impactos mais amplos. Há exemplos recentes que ilustram como instituições podem enfrentar dificuldades significativas quando não conseguem se adaptar.

Ao observar a governança atual e os projetos em curso, percebe-se um momento delicado, que exige atenção. Algumas mudanças culturais e organizacionais parecem ocorrer sem o devido alinhamento estratégico, o que pode gerar inconsistências.

Há sinais de fragilidade em normas, processos e sistemas, que podem comprometer a eficiência e a segurança das operações. Além disso, decisões recentes — como a implementação de novos modelos de atuação e ferramentas — levantam questionamentos quanto à sua adequação e execução.

A gestão também tem sido alvo de críticas internas, tanto pela condução estratégica quanto pela formação de equipes. Esse cenário contribui para um ambiente organizacional mais tenso e menos coeso.

Um indicativo relevante dessas dificuldades foi a incapacidade de fechamento do balanço no prazo previsto, algo incomum para uma instituição desse porte.

A estrutura organizacional, por sua vez, aparenta refletir essas limitações, com sinais de desalinhamento e dificuldades de coordenação.

Embora haja preocupações pontuais, como o atraso na PLR, elas parecem secundárias diante de questões mais estruturais: fragilidade de processos, ausência de maior consistência organizacional e uma percepção de flexibilidade excessiva nas decisões.

Esse conjunto de fatores começa a impactar o clima interno, gerando insatisfação entre os empregados e questionamentos sobre os rumos da instituição.

Diante disso, torna-se fundamental uma reflexão mais profunda sobre o modelo de gestão, as prioridades estratégicas e os mecanismos de governança, para evitar o agravamento dos problemas e garantir a sustentabilidade do Banco no longo prazo.